SIGILLATA CLARA COM DECORAÇÃO APLICADA DE TRÓIA Setúbal

Maria Garcia Pereira Maia

O Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia conserva um número relativamente elevado de peças em «Sigillata» Clara com decoração em relevo aplicado, provenientes de Tróia.

Esta técnica decorativa, que consiste na aplicação, sobre a superfície dos vasos, de relevos elaborados à parte, foi utilizada, em maior ou menor escala, sobre quase todos os tipos de «Sigillata», incluindo a Clara.

No caso da «Sigillata» Clara, o uso dos relevos aplicados está documentado desde o período severiano, sobre o tipo A, antecipando a decoração da «Sigillata» Clara A/C, neste último e no tipo C [1]. Mas em quase todos os casos, as peças em que esta decoração foi utilizada apresentam características que lhes dão bastante autonomia em relação aos produtos correntes de cada tipo.

No âmbito da «Sigillata» Clara A, apenas algumas formas parecem ter sido decoradas com relevo aplicado e estão todas documentadas no séc. III d.C.

Quanto à «Sigillata» Clara A/C ou *cerâmica de El-Aouja*, foi produzida na Tunísia central, entre cerca de 200 e 280 d.C., foi frequentemente decorada com relevos aplicados e, dado que nela predominam as formas fechadas, é pouco apropriada para a exportação, pelo que ocorre na bacia do Mediterrâneo em quantidades relativamente reduzidas, exceptuada a zona da Tunísia [2].

A terceira fase de produção de «Sigillata» Clara com relevos aplicados corresponde ao tipo C de Lamboglia. O seu fabrico apenas parece iniciar-se depois de 280 d.C. e prolonga-se, pelo menos, até aos finais do séc. IV, inícios do V d.C. [3]

Uma quarta e última fase de fabrico de «Sigillata» Clara com decoração em relevo (já não aplicado) insere-se no tipo D de Lamboglia, prosseguindo a tradição das anteriores e terminando cerca de meados do séc. V d.C. [4]

Na colecção de Tróia de Setúbal nota-se uma grande diversidade de fabricos e características tecnológicas, que não é secundada pela das formas. As peças que mais se aproximam do tipo C de Lamboglia são porcionalmente as mais numerosas.

O elenco de formas representadas revela uma marcada incidência da forma C (decorada) 35, mas com perfis de dois tipos diferentes: um corresponde exactamente ao da peça-protótipo publicada por Lamboglia no seu estudo preliminar sobre

---

1 Lamboglia, 1958, p. 269. Lamboglia, 1963, p. 159 s. Pallarés, 1959, pp. 125-9. Salomonson, 1968, pp. 53-95 e pp. 80-145. Carandini, 1968, p. 31.

2 Salomonson, 1963, pp. 110 ss. Por nossa parte, podemos afirmar que recolhemos um fragmento de fundo e de pé na escavação de emergência realizada pelo Museu, sob o Mosaico do Oceano, aparecido em Faro há cerca de um ano.

3 Hayes, 1972, p. 214.

4 Salomonson, 1968, p. 122.

«Sigillata» Clara C[5], e outro encontra paralelo mais directo na forma *b* do trabalho de Salomonson sobre «Sigillata» Clara com relevo aplicado[6] e na forma Hayes 52b[7].

O primeiro tipo de perfil (nossa variante b1) está presente em taças de paredes quase hemisféricas e aba saliente, inclinada para o interior. Na face superior da aba, junto ao bordo externo, tem uma canelura. O seu diâmetro varia normalmente entre 11 e 17 cm. (Cfr. peças n.º 1, 2 e 3.)

O segundo tipo de perfil encontra-se em taças geralmente de maiores dimensões (diâmetros entre 22 e 24 cm), com abas mais largas, quase horizontais e dotadas de um rebordo saliente, na face inferior.

O material de Tróia sugere ainda a existência de duas variantes deste tipo, caracterizadas pela forma do rebordo labial. A primeira (variante b2) está presente, nesta colecção, em taças com diâmetros relativamente grandes (23 e 24 cm), o rebordo saliente na face inferior da aba é comprido, de perfil acentuadamente agudo. (Cfr. peças n.º 5, 6 e 7.)

Na variante b3 o «dente» pendente possui uma ou duas caneluras no lábio exterior e é de perfil anguloso. (Cfr. peça n.º 9.)

Esta forma tem antecedentes em «Sigillata» Clara A[8], datada do período severiano mas, em «Sigillata» Clara C, não é anterior ao último quartel do séc. III d.C.[9]

As três variantes que designámos por b1, b2 e b3 parecem corresponder a períodos de fabrico um pouco distânciados no tempo. Hayes[10] coloca a sua forma 52b entre 280/300 e os meados do séc. V d.C. e sugere que as peças de menor diâmetro e sem rebordo labial (variante b1) são as mais antigas. Por outro lado, o rebordo saliente e agudo da variante b2, que se aproxima muito de perfis presentes em peças tardias, como as Hayes 70, 71, 72 e 72a e 73[11], leva-nos a considerar esta variante mais recente. Quanto à terceira (variante b3), a sua semelhança com a forma Hayes 74 coloca-a já no séc. V d.C.[12]

As peças decoradas com características técnicas correspondentes à «Sigillata» Clara C apresentam, tal como esta produção, uma certa variabilidade, tanto na pasta como no engobe, que se pode esquematizar do seguinte modo:

Grupo 1: pasta laranja-avermelhada viva, de grão muito fino, muito depurada, homogénea e compacta. É dura, bem cozida, sonora e apresenta fractura muito rectilínea. O engobe é igualmente laranja-avermelhado, pouco espesso, sem brilho e foi aplicado nas duas faces.

Grupo 2: pasta laranja viva, de grão muito fino, homogénea, muito depurada e densa. É bem cozida e sonora e a sua fractura é rectilínea. O engobe, laranja-rosado e com brilho discreto, é relativamente espesso e reveste apenas a face superior da aba. Na inferior notam-se muitas estrias, resultantes do trabalho do torno.

Grupo 3: pasta laranja-rosada, de grão muito fino e muito depurada. Dura e sonora, tem fractura rectilínea. Inclui, na pasta e, por vezes, observam-se na superfície alisada da face superior, partículas de pedra (quartzo ou quartzito), de dimensões médias. O engobe é laranja, de tom aberto. Em alguns pontos é muito delgado, formando manchas mais amareladas. Tem brilho discreto.

O grupo 1 corresponde à variante b1 e está ainda presente numa peça (n.º 4) da variante b2, mas já com nítidos sintomas de degradação e apenas aplicado na face superior (peças n.º 1, 2, 3 e 4).

---

5 Lamboglia, 1963, p. 158.
6 Salomonson, 1969, p. 17 s.
7 Hayes, 1972, pp. 76-78.
8 Carandini, 1968, p. 31 e p. 535.
9 Salomonson, 1968, p. 120.
10 Hayes, 1972, p. 76 e fig. 13.
11 Hayes, 1972, p. 78, pp. 119 ss. e figs. 20 e 21.
12 Hayes, 1972, p. 78 e p. 124 e fig. 21.

O grupo 2 observa-se nos exemplares da variante b2 (peças n.º 5, 6 e 7) e num da variante b3.

O terceiro grupo de pastas e engobes (grupo 3) apenas corresponde a um fragmento da forma Hayes 52b, mas cujo perfil tem características avançadas cronologicamente (peça n.º 9). Todos os restantes fragmentos que incluímos neste grupo pertencem a peças com formas Salomonson *d* (Hayes 54), Salomonson *e* (Hayes 55) e Salomonson *a* (Hayes 53*a*).

As formas Salomonson *b* (Hayes 52b) e Salomonson *c* (Hayes 51b) parecem estabelecer a ligação entre uma fase anterior de relevos aplicados e outra, mais tardia. Hayes[13] inclui-as no «estilo de transição», considerando que alguns exemplares da forma Salomonson *c* podem ser pouco posteriores às peças Salomonson *b* com perfis mais antigos.

Os motivos decorativos que adornam os vasos pertencentes ao «estilo de transição», tais como vários animais (peixes, golfinhos), cestos de fruta, máscaras de Oceano e que figuram isoladamente sobre as peças ocupam, estilisticamente, uma posição igualmente intermédia.

Quase todos os exemplares de Tróia pertencentes às formas Hayes 54, Hayes 55 e Hayes 53 *a* inscrevem-se, sob o ponto de vista decorativo, no «estilo tardio»[14] que tem início em meados do séc. IV e se prolonga até meados do séc. V d.C.

A fase final deste estilo corresponde a composições decorativas coerentes, de assunto mitológico ou bíblico. Contudo, é precedida por uma tendência para agrupar os motivos dispersos que caracterizavam o estilo anterior, começando a ser norma uma certa coerência de assunto, entre esses motivos. As caçadas e os animais ferozes predominam nesta fase.

Apenas uma peça de Tróia (n.º 16), de forma Salomonson *a* (Hayes 53*a*) nos parece deve ser incluída nesta última fase do «estilo tardio». Nela figura parte de um motivo que poderia ter pertencido a uma cena de assunto bíblico (um Apóstolo).

A identidade de características tecnológicas verificada nestas peças (Grupo 3) justifica, até certo ponto, a forte semelhança que liga um fragmento (peça n.º 10) cujo perfil se aproxima do da forma Salomnson *c* (Hayes 51*b*), considerada «de transição», às formas um pouco posteriores, de forma Salomonson *d* (Hayes 54). Os motivos decorativos sobre o bordo deste exemplar formam uma cena em que figura um animal selvagem, correndo entre vegetação e devem, portanto, incluir-se no «estilo tardio». As diferenças observadas no perfil desta peça, em relação à forma Hayes 51*b*, corresponderiam, portanto, a uma variante evoluída daquela forma.

O mesmo se passa com a peça n.º 9, de forma Hayes 52*b*, variante b3, em que o motivo presente deverá, certamente, ter pertencido a uma cena com animais ferozes, da primeira fase do «estilo tardio».

Descrição:

Peça n.º 1:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52*b*, variante b1.
— Diâmetro da aba: 164 mm; largura: 21 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 1.
— Decoração: máscara de Oceano.
— Paralelos: Salomonson 1969, Est. II, n.º 6 (Norte de África); Idem, Est. I, n.º 5 (forma a, de Djémila); Kenyon[15], fig. 83, n.º 25 e 25a (Samaria); Paris, Bonsor, Laumonier, p. 166, n.º 3 (Belo)[16].
— Proveniência: desconhecida.

---

13 Hayes, 1972, p. 214.
14 Hayes, 1972, p. 214.
15 Kenyon, 1957.
16 Paris, Bonsor, Laumonier, *Fouilles de Belo*, p. 166, n.º 3.

Peça n.º 2:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52*b*, variante b1.
— Diâmetro da aba: 141 mm; largura: 20 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 1.
— Decoração: peixe aplicado. Sobrepõe-se ligeiramente à canelura.
— Paralelos: Salomonson (1969), Est. II, n.º 3 (sobre forma c, de Roma).
— Proveniência: «do entulho da parte exterior da Sala Grande, Termas».

Peça n.º 3:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52*b*, variante b1.
— Diâmetro da aba: 151 mm; largura: 20 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 1.
— Decoração: não é possível identificar.
— Proveniência: Talhão C-8.ª camada-pavimento da Sala M.

Peça n.º 4:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52*b*, variante b2.
— Diâmetro da aba: 232 mm; largura: 31 mm.
— Engobe do Grupo 1, mas de qualidade inferior e sem brilho.
— Decoração: ónagro, de que apenas figura a cabeça no fragmento.
— Paralelos: não encontrámos. É interessante notar que na colecção de Tróia existem duas outras peças onde figuram relevos representando o mesmo animal.
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 5:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52*b*, variante b2.
— Diâmetro da aba: 231 mm; largura: desconhecida.
— Pasta e engobe: Grupo 2.
— Decoração: um pequeno peixe, devorando um elemento que não pudemos identificar. O relevo interno do motivo principal é muito nítido e bem executado.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 6:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52b, variante b2.
— Diâmetro da aba: 244 mm; largura: 31 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 2.
— Decoração: delfim.
— Paralelos: Salomonson (1969), Est. III, n.º 2 (de Túnis), Idem, fig. 12 (Berlim).
— Proveniência: Talhão F-18-9.ª camada, 5.ª secção.

Peça n.º 7:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52b, variante b2.
— Apesar da ligeira canelura no rebordo labial, o pequeno diâmetro e todo o perfil autorizam a colocar este fragmento nesta variante.
— Diâmetro da aba: 155 mm; largura: 27 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 2.
— Decoração: cesto de figos. O relevo interno é um pouco menos marcado que nos exemplares anteriores.
— Paralelos: Salomonson (1969), Est. I, n.º 16 (Hadrumetum) e fig. 72 (sobre forma a, de Tamuda).
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 8:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52b, variante b3.
— Diâmetro da aba: 223 mm; largura: desconhecida.
— Pasta e engobe: Grupo 2.
— Decoração: cesto de uvas.
— Paralelos: Lamboglia (1963), p. 158 (de Barcelona); Salomonson (1969), Est. IV, n.º 6 (Tunis, de El-Aouja).
— Proveniência: Tróia-Termas.

Peça n.º 9:
— Forma Salomonson *b*, Hayes 52b, variante b3.
— Diâmetro da aba: 236 mm; largura: desconhecida.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: arbustos com folhas grandes e frutos.
— Paralelos: este tema é muito frequente na decoração aplicada, mas não encontrámos paralelos exactos para o motivo desta peça.
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 10.
— Forma: cerca de dois terços de uma taça com paredes laterais curvas e aba recortada, inclinada para o interior. O perfil não tem paralelos exactos, ainda que se aproxime da forma Salomonson *c*, Hayes 51b.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: arbusto e ónagro.
— Paralelos: Salomonson (1969), fig. 23 (forma d, Louvre); Idem, fig. 31 (forma a, Constantine)[17]. Não encontrámos paralelo para o ónagro[18].
— Proveniência: Talhão F-17, 1.ª secção, 2.ª camada.

Peça n.º 11:
— Forma Lamboglia 42/48, Salomonson d, Hayes 54.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: motivos isolados, mas que formam uma cena. Da esquerda para a direita: patas traseiras e cauda de uma pantera; urso em corrida; cabra, formando salto; arbusto de onze ramos; pantera em corrida.
— Paralelos: Pantera — Salomonson (1969), fig. 23 (Norte de África); Urso — Idem, fig. 57 (sobre forma *a*, de Roma); Arbusto-Salomonson (1969), fig. 38 (sobre forma *a*, de Henchir Embach, Bardo), Idem, fig. 73 (sobre forma *a*, de Catania)[19]; Cabra — não encontrámos paralelo[20].
— Proveniência: Fábrica de Salga, camada IV-A.

Peça n.º 12:
— Forma Lamboglia 42/48, Salomonson *d*, Hayes 54.
Perfil muito semelhante ao anterior, embora não pertença à mesma peça.
— Pasta e engobe do Grupo 3.

---

17 Cfr. Caballero Zoreda, 1971, p. 240 s.
18 A única referência bibliográfica a um burro selvagem, como motivo aplicado sobre «Sigillata» Clara que encontrámos é feita por Hayes, 1972, p. 80, que cita um sobre uma peça de forma 53 (Salomonson *a*). A identificação é duvidosa e carece de documentação gráfica.
19 Cfr. Caballero Zoreda, 1971, p. 240 s.
20 Hayes, 1972, p. 80, refere um exemplar de Sabratha, sobre uma forma Salomonson *a*, onde figura uma cabra. Também na p. 82 cita a existência de uma cabra, num exemplar de Aquileia, numa peça de forma Salomonson *a*, Hayes, p. 54.

— Decoração: motivos isolados, mas que formam uma cena. Da esquerda para a direita: pantera, em atitude de ataque; ónagro em luta; árvore de frutos (fragmentada).
— Paralelos: Pantera — Salomonson (1969), fig. 23 (forma d, do Norte de África), Idem, fig. 60 (forma *a*, Constantine); ónagro: não encontrámos paralelo. Árvore — Salomonson (1969), fig. 2 (sobre forma *a*, de Tamuda).
— Proveniência: Fábrica de Salga, camada IV.

Peça n.º 13:
— Forma Lamboglia 42/48, Salomonson *d*, Hayes 54.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: da esquerda para a direita, árvore de frutos; pantera em atitude de ataque.
— Paralelos: Árvore — Salomonson (1969), fig. 72 (forma *a*, de Tamuda). A pantera é semelhante, em todos os pormenores, à da peça anterior. Pode-se afirmar, com toda a segurança, que os dois fragmentos pertencem à mesma peça.
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 14:
— Forma Salomonson *e*, Hayes 55.
— Diâmetro desconhecido; largura da aba: 38 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: quartos traseiros de um felino, provavelmente um leão.
— Paralelos: este motivo é muito frequente, mas não encontrámos paralelo exacto.
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 15:
— Forma Salomonson *e*, Hayes, 55(?).
Fragmento de aba larga de grande prato. Não inclui qualquer segmento de lábio, pelo que não se pode determinar com exactidão qual a forma a que pertence. A pouca espessura da parede sugere a tipologia proposta.
— Pasta e engobe: Grupo 3. Engobe muito deteriorado.
— Decoração: quartos traseiros de um felino.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: rio.

Peça n.º 16:
— Forma Salomonson *a*, Hayes 53a.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: parte de uma figura masculina, com vestes longas.
— Paralelos: Salomonson (1969), fig. 36 e 84 (Palliatus, das escavações de Sétif).
Estilisticamente, é a peça mais avançada nesta colecção. Representa um homem vestido com um *pallium*, veste característica de Apóstolos ou filósofos.
— Proveniência: Tróia, junto de ânfora.

Peça n.º 17:
— Forma indeterminada.
— Pasta e engobe: Grupo 3.
— Decoração: parte da cabeça de um golfinho.
— Paralelos: Salomonson (1969), fig. 19 (sobre forma *c*), Idem, Est. III, n.º 2 (sobre forma *c*, de El-Aouja).
— Proveniência: Talhão 19-E, 3.ª camada.

De entre os fragmentos com decoração aplicada de Tróia, um número considerável apresenta características formais, tecnológicas e até decorativas, que os distinguem da produção corrente da «Sigillata» Clara C.

Trata-se de taças com paredes curvas e aba saliente, inclinada para o interior e que, genericamente, pertencem à forma Hayes 52b, embora se possam ainda distinguir três variantes, que designaremos por b4, b5 e b6.

A variante b4 caracteriza-se por uma aba saliente, quase horizontal, ainda que ligeiramente inclinada para o interior. Na face superior apresenta três caneluras, duas das quais junto ao bordo externo e uma perto do ângulo de ligação com a parede lateral. O rebordo labial forma, na face inferior, uma saliência pouco volumosa. (Cfr. peças n.º 18 e 19.)

A esta variante corresponde o Grupo 4 de pasta e engobe, assim definido: pasta laranja-avermelhada, de grão muito fino, porosa, bem cozida. Partículas amareladas, de pequenas dimensões. O engobe apenas foi aplicado na face superior. É um pouco mais claro que a pasta, muito espesso, com algum brilho discreto. As suas características mais salientes são a espessura e a granulosidade.

A decoração destaca-se pouco da superfície dos vasos, parecendo tender a formar corpo com ela e o relevo interno é mal definido. Este facto resulta, em parte, da espessura e granulosidade do engobe.

As características tecnológicas descritas aproximam o Grupo 4 da «Sigillata» Clara A tardia, ou, mais precisamente, de uma linha de fabrico que conduz da A à D, tal como foi observado por Carandini para parte do material de Óstia[21], ainda que, no caso de Tróia, a pasta e o engobe sejam de uma qualidade muito inferior, sugerindo uma fase de fabrico mais avançada.

Quanto à forma, a diferença mais notável entre a nossa variante b4 e os fragmentos de Óstia (forma Carandini 35, Hayes 38) consiste na presença, nos perfis de Tróia, de uma saliência na face inferior da aba, junto ao bordo externo, e que caracteriza, como vimos, as variantes mais evoluídas da mesma forma em C decorada.

Estas observações permitem atribuir, em hipótese, os dois fragmentos de Tróia que apresentam as características apontadas a um centro de fabrico distinto daquele ou daqueles de onde provêm as peças características da produção corrente da C decorada. Em termos de cronologia relativa, estas peças situar-se-iam, portanto, am época posterior à da forma Hayes 38, correspondente ao material de Óstia (200 e 250/275 d.C.) e a par ou pouco depois da primeira fase da forma Hayes 52b (nossa variante b1).

Descrição:

Peça n.º 18:
— Forma Carandini 35, Hayes 38, evoluída; variante b4.
— Diâmetro da aba: 222 mm; largura: 23 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 4.
— Decoração: parte posterior de um peixe, com relevo interno mal definido.
— Paralelos: Carandini (1968), Est. IV, 72 a-b, 74 a-b, 75 b. Estes paralelos não são exactos, mas note-se a identidade do tema, assim como do relevo, mal definido.
— Proveniência: Termas-entulho sobre o corredor.

Peça n.º 19:
— Forma Carandini 35, Hayes 38, evoluída, variante b4.
— Diâmetro da aba: 234 mm; largura: 28 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 4.

21 Carandini, 1968, p. 31 e nota 16; Idem, p. 535.

— Decoração: palmeta.
— Paralelos: não encontrámos paralelos exactos.
— Proveniência: Termas, sala H.

Variante b5: A característica fundamental que distingue o perfil dos fragmentos agrupados nesta variante é a maior espessura da parede, presente em abas inclinadas para o interior e dotadas de rebordos labiais salientes, com perfis semelhantes aos da nossa variante b2, embora com ângulos menos marcados. (Cfr. peças n.os 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28.)

Variante b6: está representada nesta colecção apenas por dois fragmentos de abas. (Cfr. peças n.os 30 e 31.) Apresenta um «dente» pendente muito marcado e que, na face inferior, vira na direcção do centro do vaso, ficando paralelo à aba. Esta é levemente arqueada e faz um pequeno ressalto a meio da face inferior. Mantém-se a espessura de parede que caracterizava a variante anterior.

A peça n.º 29 constitui um caso à parte, porque a espessura da sua parede é um pouco superior ao normal e o seu rebordo labial é muito desenvolvido, com um perfil quase semicircular.

A estas variantes correspondem dois grupos de pastas e engobes, com as seguintes características:

Grupo 5: pasta castanha-alaranjada, com grão fino. Apresenta numerosas partículas pequenas de mica e outras brancas, de tipo calcário, de maiores dimensões e mais afastadas entre si. É bastante porosa e tem falhas no interior. A fractura é rectilínea, mas de aspecto irregular. O engobe é rosa-alaranjado claro, com um subtom esbranquiçado. Pouco espesso, não tem brilho e é pouco granuloso. Observam-se vestígios de polimento. Existe na face externa, mas não foi polido na face inferior da aba (peças n.os 20, 22, 27, 30 e 31). Por vezes o engobe é mais brilhante e espesso (Grupo 5a — peças n.os 23, 25 e 28).

Grupo 6: a pasta é mais porosa, de grão menos fino e possui partículas maiores, brancas e cor de tijolo. A fractura é rectilínea, mas de aspecto irregular. O engobe é laranja-avermelhado, espesso, com algum brilho. Existe na face externa, mas não foi polido na face inferior da aba (peças n.os 51, 24 e 29).

As características tecnológicas distintivas do Grupo 5 estão presentes em peças não decoradas de Tróia, de formas Hayes 67 (Lamboglia 42)[22], em peças cujo perfil não encontra paralelo exacto nas tipologias gerais, mas que está representado em Conímbriga[23], em peças de forma Hayes 76[24].

O Grupo 6, por seu lado, tem características tecnológicas próximas daquelas que encontramos em alguns exemplares de Tróia de forma Hayes 73[52], nas variantes tardias da forma Hayes 52 (não decorada) e em fragmentos de uma grande travessa rectangular semelhante a uma outra de Fiães da Feira[26], e considerada por Hayes[27] como sendo feita na tradição da «Sigillata» Clara C, embora muito decadente, na primeira metade do séc. V d.C.

Quanto à forma e atendendo sobretudo ao perfil do rebordo labial, a variante b5 encontra paralelos em rebordos idênticos presentes nas formas Hayes 67[28], Hayes 73[29] e nas peças já citadas de Conímbriga[30].

---

22 Hayes, 1972, pp. 112-116 e fig. 19; Lamboglia, 1963, p. 192 s.
23 Delgado, 1975, p. 265 e Est. LXXI, n.os 84 e 85.
24 Hayes, 1972, p. 124 s. e fig. 21.
25 Hayes, 1972, pp. 121-124 e fig. 21.
26 Ferreira de Almeida, 1973, p. 15.
27 «Discussão» de J. W. Hayes, in *Conímbriga* XIV, p. 70.
28 Hayes, 1972, p. 291.
29 Hayes, 1972, pp. 121-124 e fig. 21.
30 Cfr. nota 23.

A forma Hayes 67 conta-se entre as primeiras fabricadas em «Sigillata» Clara D, embora se conheça também em C. A forma Hayes 73 é considerada por aquele autor como pertencente ao tipo C, e por Lamboglia[31] como fazendo parte do D; as peças de Conímbriga foram atribuídas a um grupo intermédio C/D e datadas dos finais do séc. IV, inícios do V d.C.

A variante b6, pelo seu «dente» pendente agudo e carenado, aproxima-se de alguns exemplares da variante antiga da forma Hayes 73, cuja data de difusão se situa entre 420 e 475 d.C., e de uma das peças de Conímbriga (n.º 82).

Por todas as considerações que temos vindo a expor, parece-nos razoável colocar as nossas variantes b5 e b6, juntamente com os nossos grupos tecnológicos 5 e 6 na penúltima fase de fabrico da «Sigillata» Clara C, ou C4, cuja existência foi apontada por Carandini[32], ou na produção definida por M. Delgado[33] como C/D. Em ambos os casos, as peças assim agrupadas situar-se-ão cronologicamente entre os finais do séc. IV e a primeira metade do séc. V d.C.

Os relevos aplicados nas peças correspondentes às variantes b5 e b6 são muito menos definidos do que os dos exemplares que agrupámos nas variantes b1, b2 e b3. O desenho dos contornos é pouco perfeito e o relevo interno menos cuidado. Este facto pode atribuir-se, em parte, à diferente qualidade do engobe, embora a própria execução dos desenhos seja inferior. (Cfr. a peça n.º 9 e a peça n.º 21, em que o mesmo motivo, um golfinho, é tratado de forma muito mais rude nesta última.)

Note-se, porém, que o estilo decorativo é o mesmo, visto que se repetem ou alternam, ao longo da aba, motivos independentes.

Resta averiguar quais as relações que ligam entre si os grupos aqui definidos e que, quanto a nós, apontam a existência de centros de fabrico distintos, produzindo na mesma época, ou em épocas próximas, peças obedecendo a uma «moda» comum, mas com características muito diferentes.

Assim, as variantes b1, b2 e b3 corresponderiam a um centro de fabrico muito ligado à «Sigillata» Clara C «clássica», ao passo que as variantes b4, b5 e b6 se deveriam a um outro ramo de fabrico com ligações com os tipos A tardio e D inicial.

Descrição:

Peça n.º 20:
— Forma Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 236 mm; largura: 33 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5.
— Decoração: leão em corrida para a esquerda, atacando um cavalo ou burro.
— Paralelos: Salomonson (1969), Est. II, n.º 4. Paralelo exacto, tanto para a forma, como para a decoração.
— Proveniência: desconhecida.

Peça n.º 21:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 208 mm; largura: 27 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 6.
— Decoração: golfinho.
— Proveniência: Talhão E-18, 4.ª camada.

---

31 Lamboglia, 1963, p. 204.
32 «Discussão» de A. Carandini, in *Conímbriga*, XIV, p. 69.
33 M. Delgado, 1975, p. 265.

Peça n.º 22:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 243 mm; largura: 30 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5.
— Decoração: relevo muito deteriorado, que não é possível identificar.
— Proveniência: Talhão 19-E, 3.ª camada.

Peça n.º 23:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 242 mm; largura: 31 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5a.
— Decoração: pequeno fragmento de relevo aplicado.
— Proveniência: Tróia, junto T.

Peça n.º 24:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 236 mm; largura: 26 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 6.
— Decoração: leoa, em corrida para a esquerda.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: Tróia, Termas.

Peça n.º 25:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 238 mm; largura: 32 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5a.
— Decoração: lebre ou coelho, em corrida para a esquerda. O relevo, ao ser aplicado, partiu.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: Fábrica de Salga, camada IV.

Peça n.º 26:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Pasta e engobe: Grupo 5 (engobe muito deteriorado).
— Decoração: golfinho.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: Tróia-rio.

Peça n.º 27:
— Forma: Hayes 52b, variante b5.
— Diâmetro da aba: 254 mm; largura: 26 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5.
— Decoração: motivo vegetal, de tipo palmeta.
— Paralelos: o mais próximo figura numa peça desta colecção (n.º 19).
— Proveniência: Termas, P2, Sala H.

Peça n.º 28:
— Forma: Hayes 52b, variante b5, transição para a 6.
— Diâmetro da aba: 208 mm; largura: desconhecida.
— Pasta e engobe: Grupo 5a.
— Decoração: pequena lebre, ou coelho, em corrida para a esquerda.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: Fábrica de Salga, camada IV.

Peça n.º 29:
— Forma Hayes 52b.
Não se inscreve em nenhuma das variantes definidas.
— Diâmetro da aba: 244 mm; largura: 33 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 6.
— Decoração: leoa, em corrida para a direita.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: Fábrica de Salga, camada II, 1958.

Peça n.º 30:
— Forma Hayes 52b, variante b6.
— Diâmetro da aba: 216 mm; largura: 25 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5.
— Decoração: lebre, ou coelho, em corrida para a esquerda.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: Fábrica de Salga.

Peça n.º 31:
— Forma: Hayes 52b, variante b6.
— Diâmetro da aba: 216 mm; largura: 30 mm.
— Pasta e engobe: Grupo 5, mas manchada, devido a um acidente de cozedura.
— Decoração: cão, em corrida para a esquerda.
— Paralelos: não encontrámos.
— Proveniência: desconhecida.

NOTA: todos os desenhos estão reduzidos à escala de um para três.

ABREVIATURAS USADAS:

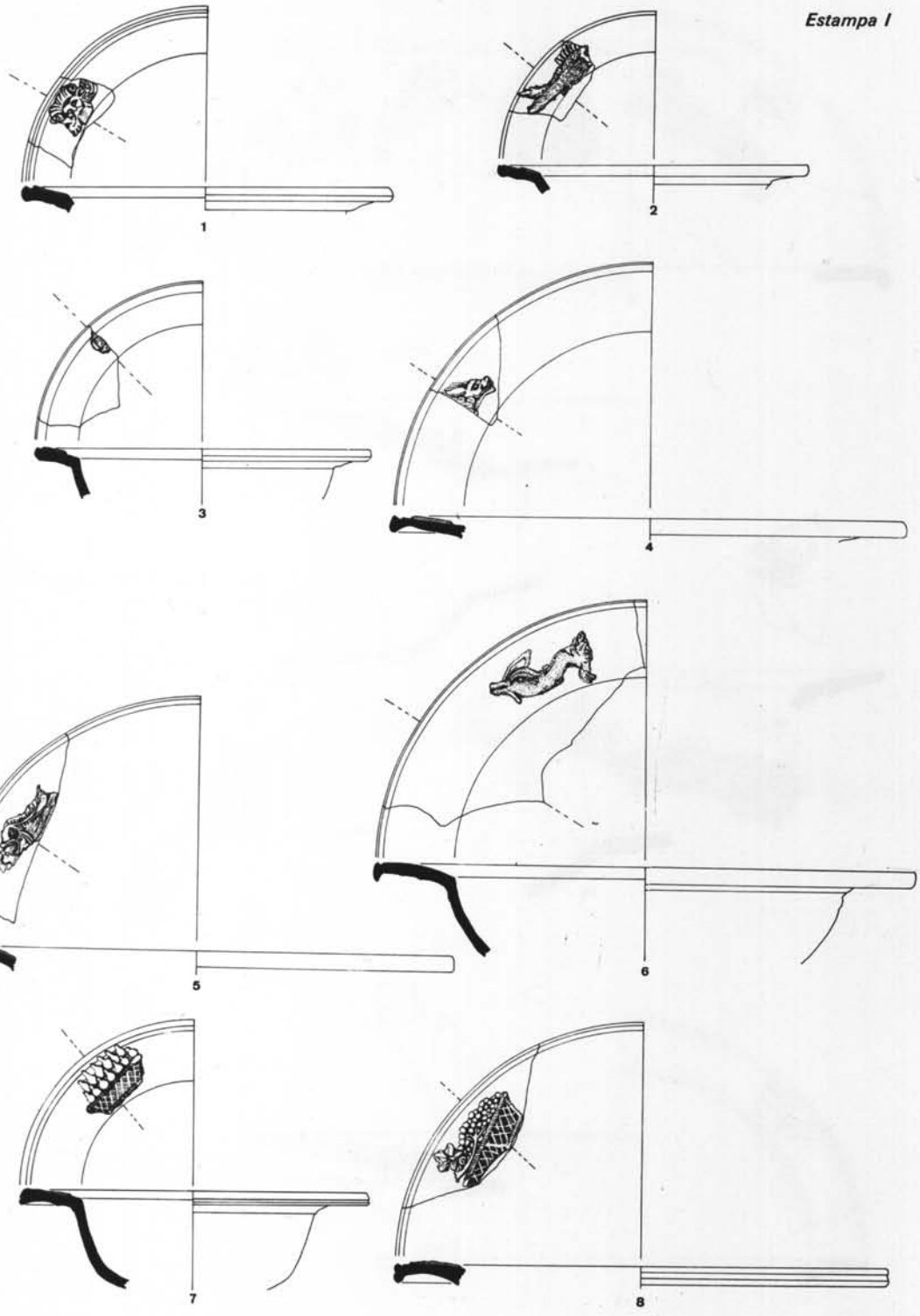
CABALLERO ZOREDA, 1971: L. Caballero Zoreda, «Cerámica Sigillata Clara Decorada de los Tipos A, A/C y C», in *Trabajos de Prehistória*, 28, Madrid, 1971, pp. 227-262.
CARANDINI, 1968: A. Carandini, «Sigillata Chiara», in *Studi Miscellanei*, 13, Roma, 1968, pp. 25-61.
Conímbriga XIV: «À Propos des Céramiques de Conímbriga», in *Conímbriga*, XIV, Coimbra, 1975.
DELGADO, 1975: M. Delgado, *Fouilles de Conímbriga* — IV — *Les Sigillées*, Paris, 1975.
FERREIRA DE ALMEIDA: C. A. Ferreira de Almeida, *O Castro de Fiães* — II, Porto, 1973.
HAYES, 1972: J. W. Hayes, *Late Roman Pottery*, London, 1972.
KENYON, 1957: K. M. Kenyon, «The Objects from Samaria», in *J. W. Crowfoot et al., Samaria-Sebaste III*, London, 1957.
LAMBOGLIA, 1958: N. Lamboglia, «Nuove Osservazioni sulla "terra Sigillata Chiara"», Tipi A e B, in *Rivista di Studi Liguri*, XXIV, 1958, pp. 257-330.
LAMBOGLIA, 1963: N. Lamboglia, «Nuove Osservazioni sulla "Terra Sigillata Chiara"», Tipi C e D, in *Rivista di Studi Liguri*, XXIX, 1963, pp. 145-212.
PALLARÉS, 1959: F. Pallarés, «Terra Sigillata Clara de Tipo "A" Decorada en Valencia y Ventimiglia», in *Rivista di Studi Liguri*, XXV, 1959, pp. 125-9.
PARIS, BONSOR, LAUMONIER, Fouilles de Belo: *Fouilles de Belo II*, Bordeaux, 1926.
SALOMONSON, 1962: Salomonson, «Late-roman Earthenware with Relief Decoration found in Northen Africa and Egypt», in *Oudheidkundige Medelingen...*, Leiden XLIII, 1962, pp. 53-59.
SALOMONSON, 1968: Salomonson, «Études sur la Céramique Romaine d'Afrique. Sigillée Claire et céramique commune de Henchir el Ouiba (Raqqada) en Tunisie Centrale», in *BABesch* (Bulletin Van De Vereeniging Tot Bevordering Der Kennis Van De Beschaving Te 'S-Gravenhage), XLIII, Leiden, 1968, pp. 80-145.
SALOMONSON, 1969: Salomonson, «Spätromische Rote Tonware mit Reliefverzierung aus Nordafrikanischen Werkstätten», in *BABesch* XLIV, 1969, Leiden, pp. 4-109.

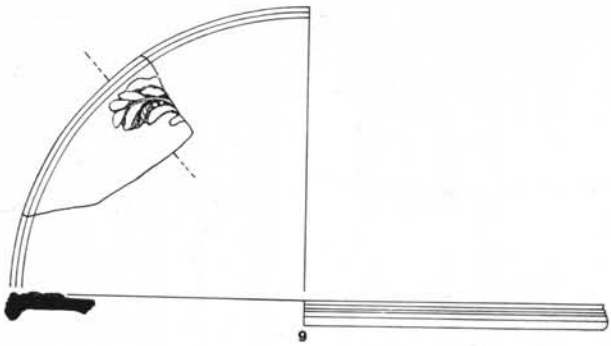
Summary

The A. studies a collection of African Red Slip ware with applied decoration from Tróia in front of Setúbal (Portugal), and kept in the Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

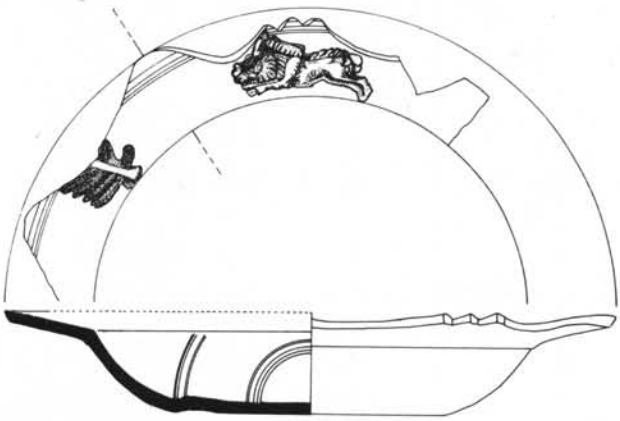
A systematization of the specimena is tried, based on the technnological characteristics, and decorative themes and styles.

Chronologically, the collection ranges from the last twenty years of the third century d.C., to the second half of the fifth century d.C.

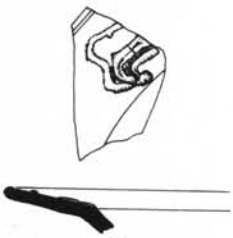

1
2
3
4
5
6
7
8



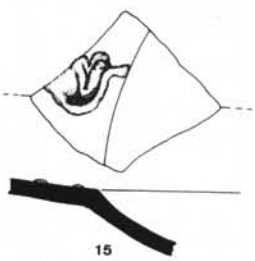
9



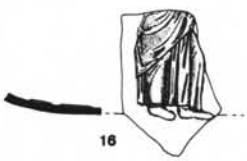
10



14

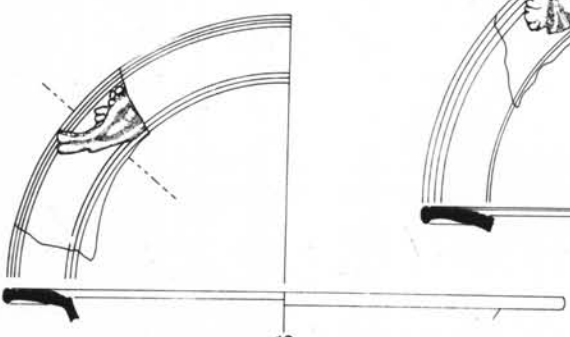


15

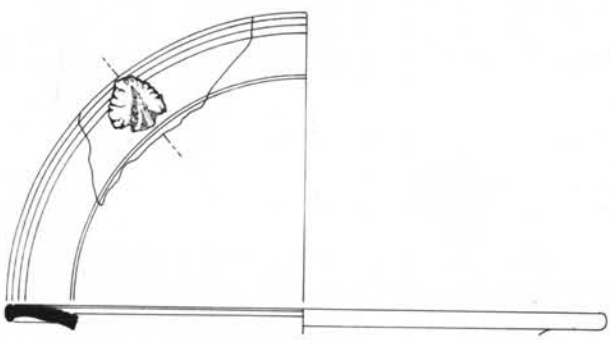


16

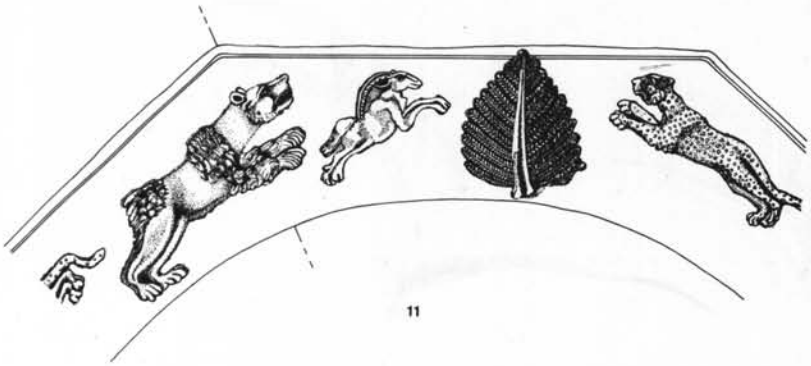
17



18

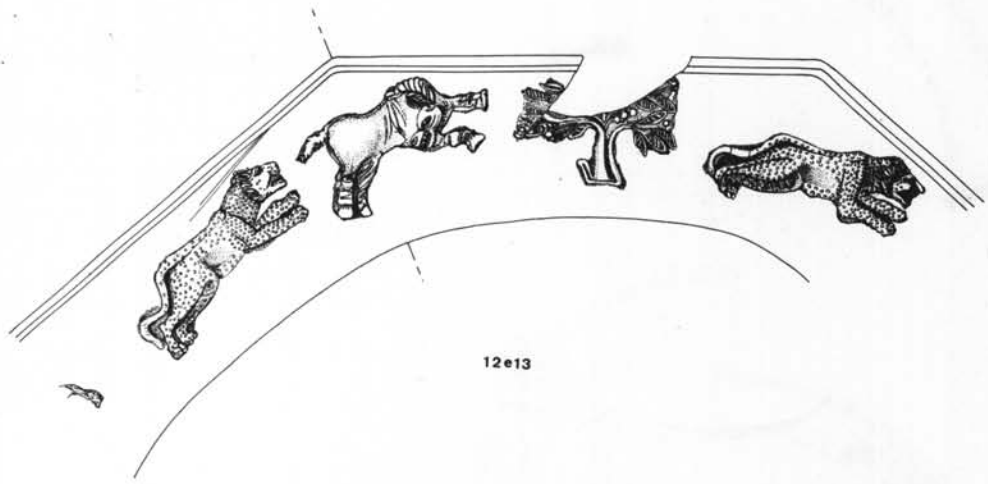


19



11

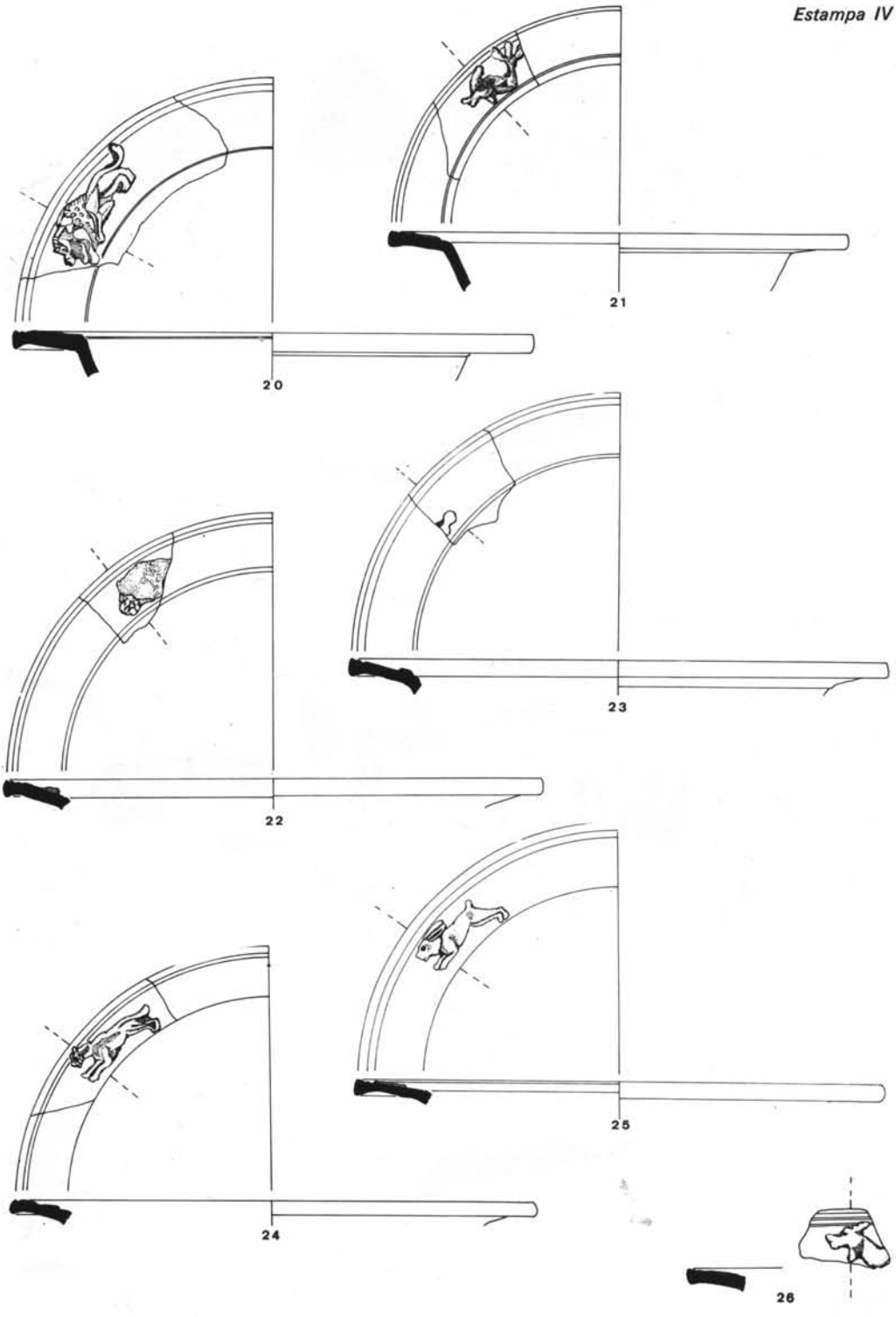
11

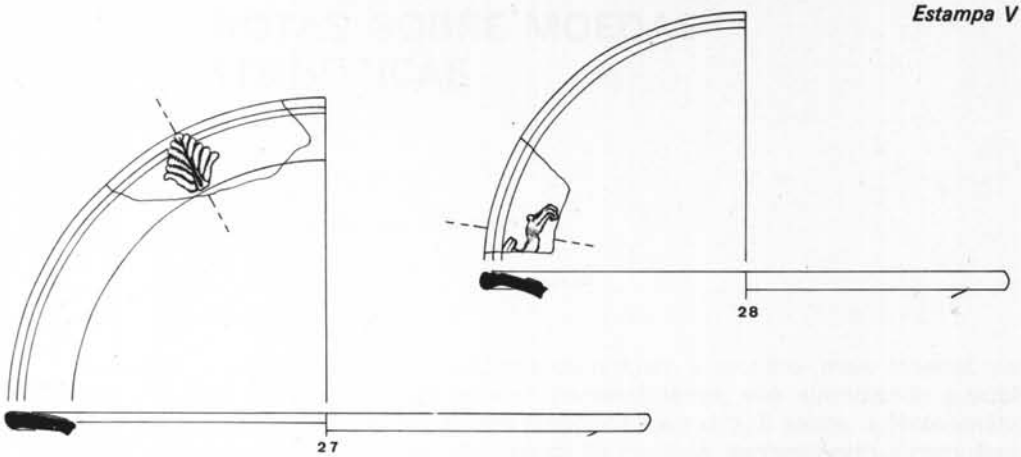


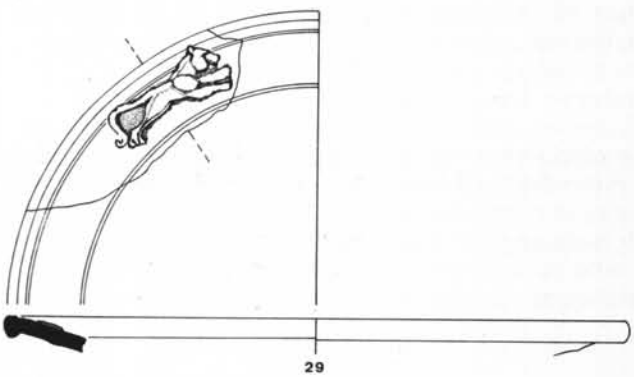
12e13

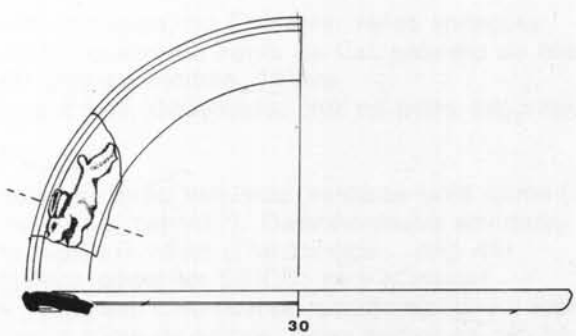
12e13

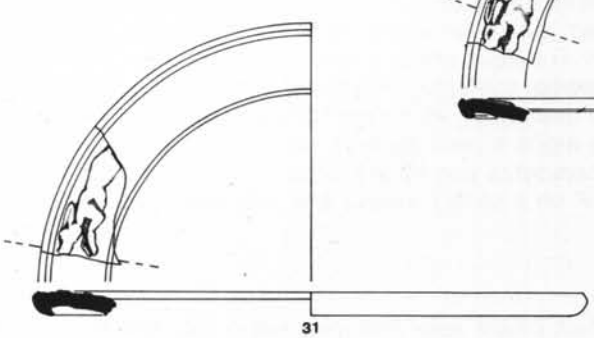
Estampa III


20
21
22
23
24
25
26


28
27


29


30


31